



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Gira-mundos: a educação ambiental no mito e o mito na educação ambiental

Turns worlds: environmental education in the myth and the myth in environmental education

Katia Gonçalves Castor¹

Martha Tristão²

Resumo

A Educação Ambiental se constitui na relação entre a natureza e a cultura de modo indissociável das relações de poder e de saber. A pesquisa se enreda na tendência da Educação Ambiental complexa, analisa os modos de fabricação das subjetividades imposta pelo discurso neocapitalista. Investiga a racionalidade herdada da sociedade moderna e explora a lógica dos referenciais afrodescendente, em específico as lógicas presentes nos terreiros da Umbanda. Problematiza o mito na Educação Ambiental e a Educação Ambiental no mito, a partir das orixalidades umbandista. Adota a pesquisa narrativa dialogando com TRISTÃO (2012) e SATO; PASSOS (2013) problematiza os processos de subjetivação a partir de FOUCAULT (1996) e busca capturar os saberes sustentáveis da noosfera umbandista MORIN (2005) influenciada por DELEUZE; GUATTARI (1996). Através das giras, seu principal ritual, evidencia como essas lógicas são acionadas para a fabricação de novos modos de percepção da relação entre a cultura e a natureza. Contribuem no processo de investigação para a produção dos dados, a realização de entrevistas abertas e semiestruturadas; o registro em cadernos de bordo; gravações em áudio e vídeo; fotografias e rodas de conversas em encontros com professores e alunos de uma escola pública próxima aos terreiros, onde problematiza os processos e mecanismos de exclusão e violência, materializados em posturas discriminatórias e de negação da cultura afro-brasileira e como essas experiências são compartilhadas pelos professores e alunos no contexto de suas práticas. A aposta metodológica foi criar estratégias de narrar experiências da Educação Ambiental em espaços não formais como os espaços dos terreiros da Umbanda e espaços formais

¹ Doutoranda em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. Email: katiapessoa@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, USP. Email: marthatristao@terra.com.br

como a escola, através das orixalidades em narrativas, na busca de zonas de confiança e na invenção de encontros mais solidários, por escutas mais sutis e híbridas e de novos sentidos de alianças que dissolvam pontos de vistas e desestabilizem discursos do eixo dominante, como forma de exercício do pensamento para abertura de lógicas silenciadas historicamente. Conclui que lógicas complexas incluem as existências infames e obscurecidas pela lógica oficial. Lógicas complexas buscam ver os efeitos dos modos como nós próprios fomos constituídos. A fé-eco-lógica presente nas orixalidades em narrativas potencializou a desconstrução dos regimes de verdade e subverteu a monocultura de lógicas.

Palavras-chave: Educação ambiental; Lógicas; Orixalidades.

Abstract

Environmental Education is the relationship between nature and culture in the way inseparably from the relations of power and knowledge. The research is entangled in the trend of complex Environmental Education, examines the modes of production of subjectivities imposed by neo-capitalist discourse. Investigates the rationality inherited from modern society and explores the logic of African descent referential, in specific the logic present in the yards of Umbanda. Questions the myth in Environmental Education and Environmental Education in myth, from umbandista orixalidades. Adopts the narrative research dialoguing with TRISTÃO (2012) and SATO; PASSOS (2013) discusses the processes of subjectivity from FOUCAULT (1996) and seeks to capture the sustainable knowledges of umbandista noosphere MORIN (2005) influenced by DELEUZE; GUATTARI (1996). Through the giras, their main ritual, demonstrates how these logics are driven to manufacture new modes of perception of the relationship between culture and nature. Contribute in the research process for the production of data, the realization of open and semi-structured interviews; registration in notebooks board; audio and video recordings; photographs and wheels conversations in meetings with teachers and students at a public school near the terraces, which discusses the processes and mechanisms of exclusion and violence, embodied in discriminatory attitudes and denial of african-Brazilian culture and how these experiences are shared by teachers and students in the context of their practice. The bet methodological was to create strategies of narrating experiences of Environmental Education in non-formal spaces as the spaces of the yards of Umbanda and in formal spaces like school, through orixalidades in narratives, seeking areas of trust and in the invention of meetings with more solidarity, for more subtle and hybrid eavesdropping and new senses of alliances that dissolve views and destabilizing discourses of dominant axis, as a form of exercise the mind for the opening historically silenced logical. Concludes that complex logic include the infamous stock and obscured by the official logic. Complex logical seek to see the effects of the ways we ourselves were made. The faith-eco-logic present in the narratives in orixalidades enhanced the deconstruction of truth regimes and overthrew monoculture logical.

Keywords: Environmental education; Logical; Orixalidades.

Introdução

Este trabalho é parte do debate iniciado a partir da experiência vivida no processo de doutoramento, percorridos entre os anos de 2011 a 2014, que se propõe narrar outras lógicas ou racionalidades pouco exploradas na Educação Ambiental, de maneira geral, que não excluem, mas adquirem características antagônicas, concorrentes e complementares como suscitam os princípios da complexidade.

Morin (2005, p. 112) sinaliza que [...] *a cultura é o ecossistema das nossas ideias de natureza*, portanto, privilegiamos, no trabalho, a inclusão de outros pontos de vista e a afirmação de que a Educação Ambiental se tem constituído como um campo de conhecimento que se produz na interação entre a natureza e a cultura, de modo indissociável das relações de poder e dos jogos de verdade (FOUCAULT, 2014).

Muitas vezes verificamos que o paradigma dominante da Educação Ambiental representa características mercantilista e conformista e não considera a polifonia das vozes, que historicamente foram silenciadas, estereotipadas, como, por exemplo, as do mundo feminino, as das sexualidades, as das pessoas com deficiências físicas e/ou psíquicas, as dos chamados terceiro mundo, as das culturas infantis, juvenis e dos idosos, as das pessoas de baixa renda, as dos pobres, negros e indígenas e dos que praticam religiões de matrizes africanas.

O campo problemático deste trabalho propõe redimensionar os processos de produção de subjetividades, os discursos que sujeitam o outro, em específico os modos de vida das africanidades e das orixalidades³ presentes nas lógicas dos umbandistas.

Pretendemos no trabalho, investigar a lógica dos referenciais africanos, em específico a racionalidade produzida nos Terreiros da Umbanda, para problematizar como os processos de subjetivação operam, resistem, combatem, silenciam, avançam e negociam na sociedade e nos cotidianos das existências infames.⁴ Ao rastrear as existências infames, as marcas históricas que os Povos de Santo enfrentam em decorrência de processos e de discursos de uma época que margeiam suas práticas e crenças, percebemos que esses discursos são sempre pautados em uma lógica

³ O conceito de orixalidades no trabalho remete à noção deleuzeana de corpo sem órgãos (CsO), um corpo constituído de complexidade, um corpo aberto a conexões, povoado por intensidades e sentidos que nos atravessam.

⁴ O conceito de infame foi inspirado em Foucault (2012), quando o autor extrai de arquivos públicos antologias da existência que são visibilizadas somente quando ao choque do poder e das infames políticas de (des)subjetivação, na intenção de construir uma ontologia histórica de nós mesmos. É a infâmia como estratégia política de enfrentamento dos dispositivos do governo do outro. As existências infames são experiências que transbordam das bordas do cotidiano comum das pessoas obscurecidas pelas metanarrativas dominantes.

excludente. (este parágrafo não está muito claro) Logo, apostamos que a dimensão da complexidade colabora para potencializar o diálogo com este campo da Educação Ambiental.

Tomamos como aporte metodológico e epistemológico alguns intercessores para este diálogo. O enfoque qualitativo das pesquisas narrativas buscou a colaboração dos estudos da professora Martha Tristão (2005, 2013), como pista de capturar as estratégias presentes nas experiências das existências infames e dos processos de subjetivação⁵ sugeridos por Michel Foucault (2010, 2012). Na tentativa de dialogar com os saberes sustentáveis de outra lógica, tivemos a colaboração do pensamento complexo do filósofo Edgar Morin (2005) assim, como Deleuze (1995) e Guattari (1997), que transversalizaram todo o trabalho na intenção de cartografar o processo vivido.

Fazer as tessituras com as dimensões complexas, os processos de subjetivação e os saberes sustentáveis de outra lógica, foi somente possível após vivenciarmos por dois anos consecutivos as experiências dos Terreiros da Umbanda, através das Giras, seu principal ritual.

A experiência umbandista permitiu-nos discutir que lugares de poder e de negociação e resistência são potentes para pensar a viabilidade da produção de sociedades sustentáveis⁶ e outros sentidos mais habitáveis. O uso das orixalidades em narrativas⁷ permitiu esse duplo encontro, a intrínseca conexão entre a natureza e a cultura.

Realizamos, também, encontros com professoras e alunos da Rede Pública Municipal de uma escola localizada nas proximidades desses Terreiros, com o intuito de capturar as possibilidades desses sujeitos narrarem como percebem, vivem e desenvolvem práticas pedagógicas que giram em torno dessa temática. Neste diálogo outras lógicas possibilitaram interconexões de saberes e fazeres dos Povos de Santo com a Educação Ambiental a partir de narrativas. As orixalidades em narrativas foram criadas nos encontros realizados por dois anos, semanalmente, nas Giras de cinco Terreiros, e na realização de cinco oficinas temáticas desenvolvidas com professoras e

⁵ São processos do modo como nos constituímos a nós próprios no que Foucault chamou de jogos de verdade ou das relações complementares dos processos de objetivação e subjetivação, ou do modo como os discursos podem circunstancialmente tornar-se verdadeiros.

⁶ O termo Sociedades Sustentáveis advém do Tratado de Educação Ambiental para as Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, documento produzido a várias mãos, de toda parte do mundo, durante a Conferência da Nações Unidas para o Meio Ambiente, a Rio/92, que se comprometeram com a proteção da vida no planeta e com a criação de sociedades sustentáveis e equitativas, opondo-se, portanto, ao modelo de crescimento colocado pelo Desenvolvimento Sustentável.

⁷ As orixalidades em narrativas teve inspiração do conceito deleuzeano de corpos sem órgãos (CsO).

alunos da escola municipal, bem como na participação em rodas de conversas e eventos promovidos por instituições governamentais e não governamentais.

Nessa travessia, procuramos habitar os territórios potentes de aprendizagens, presentes nas lógicas das orixalidades dos Terreiros da Umbanda. Fomos influenciados pelas práticas umbandistas que nos potencializavam a escrever no chão da terra as emoções que afetavam o corpo e fomentavam fluxos contínuos promovidos por aquela experiência, cada vez mais livre dos padrões desejáveis, compreendendo, com Carvalho (2009), que ao observador não está dado perceber coisas diferentes, mas sim, criar outros mundos.

Ao discutimos a Educação Ambiental no mito através da contribuição do conceito de noosfera que encarna as expressões das africanidades e das orixalidades, procuramos cartografar a experiência vivida nas oficinas desenvolvidas com/na escola e algumas marcas das práticas pedagógicas dos professores, para problematizar alguns processos que esquadriham nossas experiências e outros que nos fazem escapar dos modelos de um mundo único. Identificamos, nesse sentido, como alguns traços das religiões de matriz africana circulam na vida e nas práticas dos currículos que inventamos.

Breve considerações sobre a Educação Ambiental complexa

Todas as discussões estiveram entrelaçadas com a teoria da complexidade de Morin (2005), sobretudo com a noção de noosfera. Para Morin (2005c), a noosfera, ou o mundo das ideias, considera as dimensões de outras lógicas, como, por exemplo, o mundo dos mitos.

O conceito de noosfera, ou mundo das ideias, permite pensar o mito como possibilidade para potencializar outros sentidos do que o ser humano, ou melhor, do que nós temos em comum uns com os outros e de nossa relação com a cultura e com a natureza. Historicamente, o discurso dual presente no mito sugere a dimensão da razão como verdade e o mito como falso. Nessa perspectiva, o *mythos* é *pseûdo* ou ruim prevalecendo e enaltecendo a *alethê* – a verdade. O mito é um termo historicamente ambíguo, presta a designar relatos históricos, lendas da tradição oral, narrativas produzidas no tempo e no espaço.

Ao trabalhar a partir da perspectiva da lógica dos mitos presentes no repertório umbandista, buscamos produzir outras sensibilidades e narrativas com o propósito de aproximar a Educação Ambiental como campo potente de conhecimento e referencial

de encontros entre repertórios, conceitos e lógicas e, assim, problematizar as relações que os seres humanos vêm estabelecendo com o ambiente em que vivem e investir na Educação Ambiental complexa que se pensa e se produz no processo histórico e social das transformações do e no mundo contemporâneo.

A Educação Ambiental complexa faz uso de uma estratégia que permite evitar instrumentalizar discursos que se aproximam da Educação Ambiental praticada por modelos cristalizados, instrumentais e conformistas que fragmentam o conhecimento, distanciada dos efeitos em que são produzidos e que não pensam o protagonismo das produções narrativas dos sujeitos nos contextos em que atuam.

Neste trabalho procuramos problematizar a relação entre a dimensão da lógica umbandista e a Educação Ambiental complexa, pois ambas buscam zonas de contato e de resistência ao desestabilizar modos sobrecodificadores de subjetividades, ao colocar em questão racionalidades frias e estagnadas de significados modulares e permanentes, mas principalmente porque buscam dar expressão a mundos em que caiba o máximo possível de lógicas.

Nesse sentido, a Educação Ambiental complexa e a dimensão da transdisciplinaridade são fecundas para a tarefa de pensar e fazer conexões dos múltiplos saberes, contextos e práticas que destoam das práticas de Educação Ambiental homogeneizante, pois consideramos que esta limita nossa capacidade de imaginação epistemológica, portanto, não colabora para a invenção de novos conceitos e práticas nessa área.

Nessa perspectiva a Educação Ambiental não é redentora da verdade universal, aqui apostamos na multiplicidade das várias educações ambientais dos movimentos instituintes que tecem o cotidiano nos nos vários contextos da educação escolar e não escolar.

Ao deslocar nossos interesses de estudo do eixo da lógica dominante e nos enredar nas dimensões histórica, cultural, ambiental, psíquica, espiritual e cultural produzidas em nossas experiências, compreendemos que as subjetividades não são algo do individual, não pertencem a um indivíduo, mas são fabricadas socialmente e circulam nos conjuntos sociais.

Vislumbramos uma Educação Ambiental vivida e concebida pela ecologia menor⁸, que pretende escapar dos domínios hegemônicos e de tudo que preserva,

⁸ A noção da Ecologia menor foi extraída de Godoy (2011), inspirada em Deleuze.

modela e sobrecodifica a vida. A ecologia menor afirma a experimentação da Educação Ambiental no pensamento e na vida, perspectiva que concebe o conhecimento como ontológico porque estabelece uma relação com o mundo não afeito a modelações que esquadriham a vida por meio dos pressupostos da Educação Ambiental preconizados pela ecologia maior, por exemplo, pela racionalidade do Desenvolvimento Sustentável da lógica capitalista neoliberal.

Concordamos com Tristão (2013) que a demanda pela sustentabilidade mudou as prioridades da ciência e da educação: a meta agora é, ao invés de dominar a natureza, reestabelecer a interação entre esta e a sociedade por meio das culturas. É imperioso questionar os discursos envolvidos pelas falácias e pelos enganos do império capitalista, como o discurso do Desenvolvimento Sustentável.⁹

Morin expõe que:

O método da complexidade não tem por missão recuperar a certeza perdida e o princípio Uno da Verdade. Deve, ao contrário, constituir um pensamento que, em vez de morrer, alimente-se da incerteza. Deve evitar o corte dos nós górdios entre objeto e sujeito, natureza e cultura, ciência e filosofia, vida e pensamento (MORIN, 2005, p. 24).

A Educação Ambiental complexa, sob a influência das orixalidades e africanidades da lógica umbandista, permitiu a possibilidade de reinvenção de novas lógicas que diferem das maneiras de pensar a Educação Ambiental oficial, moderna e contemporânea: [...] *ainda que a frieza biológica esclareça o ciclo da vida e da morte através de sua episteme (conhecimento), haverá sempre um campo mítico da aisthesis (percepção)* [...] que a modernidade afastou, mas, afinal, como dizem os autores, *a vida pulsa em seus mistérios!* (BELEM; SATO, 2011, p. 339).

A perspectiva da Educação Ambiental complexa possibilitaria modos de relações que não dissociam dimensões, como a razão da emoção, a cultura da natureza, o sujeito do objeto, o pesquisador do objeto pesquisado, natureza e cultura coexistem. Assim a ecologia, para Morin (2005b), seria a primeira ciência que, como ciência, pela primeira vez nos põe o problema da relação entre a humanidade e a natureza viva.

Problemáticas investigativas norteadoras deste estudo

Que lógicas dominantes concorreriam para a problematização dos saberes e lógicas do Terreiro? Para tentar responder algumas questões apostamos em cartografar

⁹ Esse discurso faz composição com as grandes corporações multinacionais, com as economias verdes, com as políticas neoliberais.

os repertórios interpretativos produzidos a partir de suas margens, das existências infames e das lógicas que os mitos umbandistas mobilizam.

Como redimensionar os processos de produção de subjetividades presentes nas orixalidades como estratégia de investigar a lógica de matriz afrodescendente, em específico a racionalidade produzida nos Terreiros da Umbanda? Como esses processos de subjetivação operam, resistem, combatem, silenciam, avançam, negociam na sociedade e nos cotidianos das existências infames?

O campo da pesquisa em Educação Ambiental é propício na tessitura dessas investigações, ao buscar contribuir para pensarmos como temos fabricado modos de existência, se para a potência de afirmação da vida ou para o aniquilamento dela e dos múltiplos modos de nos relacionarmos na intrínseca conexão entre cultura e natureza.

A perspectiva da Educação Ambiental complexa permite interrogar como as lógicas e saberes não ocidentais foram e ainda são silenciados e como isso afeta o campo da Educação Ambiental para pensarmos novos modos de existir, de pensar e de produzir conhecimento que se conectem com a vida e com o modo como entendemos a vida? Essa perspectiva permite dar visibilidade aos processos de exclusão e de violência, vividos pelos umbandistas, materializados em posturas discriminatórias e de negação da cultura de matriz afro-brasileira, mas que historicamente, resistem.

A Educação Ambiental produz pontes com outras lógicas e sentidos no habitar de outras perspectivas de mundo, incorporando os sentidos das narrativas umbandistas, como o respeito as diferenças, a aceitação, o acolhimento, a solidariedade, a coletividade, a conexão com a terra, com a cultura, com a natureza. Nos Terreiros se pratica uma ecologia menor,¹⁰ enredada por aprendizagens atravessadas pela cultura plural que habita os verbos que eles priorizam em suas práticas nas Giras, de maneira carinhosa, atravessados pela humanidade dos médiuns, nas orixalidades, traduzido no pensamento de Passos (2014):

“De alguma forma, nosso povo se aproximou da Umbanda pelo carinho, pela humanidade dos seus médiuns, sacerdotes e sacerdotisas, que vão à vida cotidiana, nas dores imediatas, na leitura do coração, e, neste sentido, fazem um trabalho na perspectiva ambiental, em favor da saúde, da libertação, da melhor relação possível entre as pessoas, da aceitação de suas diferenças como dons da vida e dos Orixás neles, que permitem que possam viver sua sexualidade sem os estigmas, posto que de alguma forma elas expressam o desejo dos Orixás, que não possuem a mesma concepção patriarcal, e usam de um cuidado

¹⁰ Termo inspirado em Deleuze, para quem o adjetivo menor não equivale à categoria tamanho, mas a possível lugar que resiste às conformações dos cânones hegemônicos das metanarrativas.

com as crianças (Ibeji), com as prostitutas (Pombagira), com os Exus, que ligam as coisas da terra nos céus e permitem uma vivência com certa igualdade como poucas vezes se encontra na sociedade que temos”

Ou no trecho de Elcyr Barbosa¹¹ (apud CUMINO, 2010, p. 118):

Umbanda, quem és?

– Quem sou? É difícil determinar.

Sou a fuga para alguns, a coragem para outros. Sou o tambor que ecoa nos terreiros, trazendo o som das selvas e das senzalas. Sou o cântico que chama ao convívio seres de outros planos. Sou a senzala do Preto-Velho, a ocará do Bugre, a cerimônia do Pajé, a encruzilhada do Exu, o jardim da Ibejada, o nirvana do Hindu e o céu dos Orixás. Sou o café amargo e o cachimbo do Preto Velho, o charuto do Caboclo e do Exu; o cigarro da Pomba-Gira e o doce do Ibejê. Sou a gargalhada da Rosa Caveira do Cruzeiro das Almas, o requebro da Maria Padilha das Almas, a seriedade do Seu Marabô. Sou o sorriso e a meiguice de Maria Conga de Aruanda e de Pai José de Aruanda; a traquinada de Mariazinha da Praia, Risotinho, Joãozinho da Mata e a sabedoria do Caboclo Tupymanbá. Quem sou? Sou a humildade, mas cresço quando combatida. Sou a prece, a magia, o ensinamento milenar, sou cultura.(PASSOS, 2014)¹²

Guattari (1997), no livro *As três ecologias*, traz de início a provocação de Bateson, ao fazer referência a *uma ecologia das ideias danosas* que, segundo ele, vem deteriorando modos de vida humanos individuais e coletivos. Para esse autor, é na articulação entre esses três registros ecológicos (o ambiental, o social e a subjetividade humana) que reside a contribuição de uma reorientação para os problemas socioambientais. Para Guattari (1997), *a autêntica revolução política, social e cultural*, para além das relações visíveis da produção dos bens materiais, deverá acontecer no nível molecular das sensibilidades, das inteligências e do desejo, nas reivindicações das singularidades antes marginais.

Guattari destaca o processo do desenvolvimento [...] *de distâncias de singularização com relação às subjetividades normalizadas* (GUATTARI, 1997, p. 14), como observamos nos movimentos da juventude quando se articulam e vão para as ruas, ou nos movimentos das mulheres por igualdade de direitos, ou, ainda, nos movimentos dos Povos de Terreiros quando denunciam o racismo secular.

Para Guattari (1997, p. 15-16), a ecosofia social consiste em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a [...] *reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, na reconstrução das modalidades*

¹¹ Retirado do livro *História da Umbanda*. O autor realiza uma pesquisa consistente da Umbanda.

¹² Narrativa de um professor.

do ser-em-grupo pelas mutações existenciais. O autor sinaliza que a ecosofia mental deverá [...] reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o tempo que passa, com os mistérios da vida e da morte, como antídoto para uniformização midiática e telemática, as manipulações da opinião pela publicidade e pelas modas (GUATTARI, 1997, p. 16). Nesse sentido, o filósofo colabora para reafirmar a urgência de outra lógica quando nos alerta: mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar transversalmente as interações entre ecossistemas, mecanofera e universos de referência sociais e individuais (GUATTARI, 1997, p. 25).

Sato (2011), ao discutir a filosofia e a Educação Ambiental, e valoriza o pensamento que supera os limites da ciência moderna que compartimenta os saberes e amplia o diálogo da Educação Ambiental com outras racionalidades e nos convida a mergulhar na fenomenologia a partir da abordagem complexa do conhecimento.

Esses e outros autores nos advertem de que o que nos separou da natureza foi uma racionalidade cognitiva e instrumental que nos impediu de enxergar as múltiplas vozes das múltiplas culturas, ou de outras lógicas. Assim recomenda Tristão, (2012, p. 12). *Para a pesquisa em EA, trazer à tona outra racionalidade carregada de mitos não é apenas explicitar uma etapa na história do pensamento humano, é, também, compartilhar com outras possibilidades de compreensão do mundo, da natureza e da vida*

Os saberes sustentáveis produzidos a partir de outras lógicas

O paradigma ocidental caracteriza-se prioritariamente por uma racionalidade com viés cognitivo instrumental produzido a partir das revoluções do século XVI, primeiro nas ciências naturais, estendendo-se mais tarde, somente no século XIX, às ciências sociais.

Esse paradigma constituiu-se por características totalitárias, ao submeter todo o conhecimento subordinado à dimensão da razão objetiva em detrimento da dimensão da emoção e da subjetividade.

Guattari (1997, p. 32) coloca que a ecologia social e mental enfrenta como problema-chave a *introjeção do poder repressivo por parte dos oprimidos*. Esse modelo repressor é atualizado em cada instância do *socius* através da desterritorialização do poder capitalista que se expande na vida social, econômica, cultural e ambiental.

O paradigma dominante da ciência moderna desconfia das evidências da experiência imediata. Sua perspectiva e seu discurso convertem a Terra de modo

passivo, eterno e reversível, atributos necessários, segundo essa racionalidade, das condições para conhecê-la, controlá-la e dominá-la. A natureza se descola do ser humano pela via das ideias racionais e passa a ser objeto de manipulação, opressão e recurso.

Contudo, podemos perceber que outros modos de racionalidade promovem condições discursivas que ressoam à reflexão rica e diversa do tempo em que vivemos e do modo como conhecemos e nos constituímos, por exemplo, de como os povos africanos se relacionam entre si e com a cultura e a natureza. As virtualidades e o modo complexo como os povos daquele continente se relacionam entre si e com a natureza engendram um conhecimento de modo transversal, sem dissociar as condições sociais e ambientais em relação aos seus contextos culturais. Contudo, essa racionalidade será alijada pela plataforma fixa produzida pelo edifício da ciência moderna que herdamos.

Compreendendo que outras veias se abrem na experiência do ser humano com o conhecimento que a produz, a precisão perseguida pelo modelo representacional que atravessa toda a produção da história do pensamento moderno será abalada por outras narrativas. As narrativas não autorizadas resistem e criam zonas de abertura que atravessam o discurso pelas margens, nas fronteiras das experiências instituídas e instituintes.¹³

Muitas experiências no campo da Educação Ambiental não se apoiam nem são afeitas aos discursos e práticas instituídas. Nosso interesse crescia na problematização das práticas que faziam aliança com a dimensão de uma Educação Ambiental que se engendrava nas margens das experiências das existências infames, para a desconstrução de *slogans* e clichês simplistas e reducionistas da complexa realidade.

Sampaio e Guimarães, por exemplo, quando discutem acerca das narrativas *postas em circulação na cultura* sobre a sustentabilidade, consideram que um dos desafios que se coloca para a Educação Ambiental é a articulação dos dispositivos [...] *através dos quais se possam proliferar práticas não mercantis no cotidiano das nossas vidas, nem que para isso seja preciso rasgar a própria noção de sustentabilidade* (SAMPAIO; GUIMARÃES, 2012, p. 397).

As orixalidades nas práticas culturais de matrizes africanas, tão negadas nos discursos hegemônicos, encontram potência para constituir lugares de negociação e de

¹³ Esta noção teve inspiração em leituras de textos da professora Célia Linhares, durante o doutoramento, ao considerar que as experiências instituintes e instituídas não portam uma redoma incomunicável, mas são ações políticas historicamente construídas.

resistência, encontram em Ayê - o mundo, na língua Ioruba, lugar do encontro e de celebração da diferença. Como sugerem os autores:

Há religiões que estão na completa dependência da natureza, revelando profunda ética biocêntrica. Dentre estas, as religiões de matrizes africanas dependem completamente da proteção ambiental para a sua sobrevivência. (BELEM; SATO, 2011, p. 341).

Os saberes umbandistas operam na lógica de uma recordação atávica de nossa humanidade, conforme observamos na narrativa da candomblecista (explique melhor, que candomblecista é esta nas palavras citadas por Santos:

“O universo pulsa; o universo fala. Escutar o universo é escutar as batidas do próprio coração. Não as batidas físicas, mas o pulsar abstrato, entusiasmado, de um coração pleno. Quando falo pleno, provavelmente levo as pessoas a pensarem em cheio de alegria, prosperidade, beleza... Engano! Quando falo pleno, refiro-me a um coração cheio de experiências vividas e absorvidas de maneira completa, tenham sido essas experiências sentidas como felizes ou dolorosas. O universo fala, as folhas falam tanto para quem canta para encantá-las, quanto para as pessoas que conversam com elas, ou simplesmente lhes dão um bom-dia a cada dia que amanhece. As folhas, ou melhor, as plantas são seres vivos, como é vivo todo o universo. É por isso que no Candomblé temos um ritual para reverenciar as folhas e tudo o que elas nos ensinam. Nas folhas não existem apenas substâncias químicas usadas pelos laboratórios para curar nossas doenças físicas; nelas estão contidos ensinamentos ancestrais, que, ao serem traduzidos por aqueles que se permitem escutar o universo, são verdadeiros remédios para a alma, que ajudam a curar, mas também a prevenir feridas que retardem ou impeçam que a mesma encontre seu destino” (SANTOS, 2013).

Improvável nos cânones da racionalidade cognitivo instrumental acreditar que “Nas folhas não existem apenas substâncias químicas usadas pelos laboratórios para curar nossas doenças físicas; nelas estão contidos ensinamentos ancestrais”, como afirma a candomblecista.

Percorrer pelo mito na Educação Ambiental permitiu reforçar a ética da mística da noosfera¹⁴ umbandista, atravessada pelas culturas dos caboclos e dos negros e dos seus Orixás. É dos sábios e dos saberes dos seus ancestrais e de seus mitos, na tensão dos discursos silenciados, que o povo primitivo insiste e ainda resiste. Vivenciamos muitas vezes projetos de Educação Ambiental revestidos dos discursos em que prolifera a *doença cognitiva* (MORIN, 2005a, p.103), quando submetidos aos saberes colonizados e revestidos da lógica capitalista do mercado, como o discurso do

¹⁴ É o mundo das ideias. Conceito de Teilhard de Chardin, utilizado por Morin.

Desenvolvimento Sustentável, que procura *enverdear os sujeitos* (SAMPAIO; GUIMARÃES, 2012) urdido do viés econômico e mercadológico.

A enfermidade cognitiva do conhecimento (MORIN, 2005), quando aceita a contradição e a incerteza, coloca-se ao mesmo tempo na luta contra a mutilação do conhecimento.

A Educação Ambiental encontra sinergia com os valores dos povos afrodescendentes, percebidos em dimensões como a circularidade, a oralidade, a corporeidade, a ludicidade, a memória, a ancestralidade, o Axé ou a energia vital, a religiosidade, a musicalidade, a cooperação e o comunitarismo, dimensões que potencializam outro processo civilizatório. As orixalidades em narrativas são como resistência à *enfermidade cognitiva* que estamos vivendo há alguns séculos com a opção d conhecimento predominante neste processo civilizatório da humanidade pelo paradigma simplificador de conhecer, alheio aos ensinamentos da natureza, apenas servindo-se dela.

Em Tristão (2005), a Educação Ambiental liga-se a dois desafios vitais: a questão da perturbação dos equilíbrios ecológicos e da natureza e a questão da Educação. Com relação ao primeiro, a autora afirma que é o efeito da herança ou da lógica de desenvolvimento econômico que reduz a realidade ao nível material econômico, pela fragmentação do conhecimento, além da objetivação do sujeito à dimensão da razão hegemônica marcada pela ciência moderna. Ao analisar as narrativas produzidas no campo da Educação Ambiental, a autora elege a dimensão da Educação Ambiental ética incorporada pelo repertório da solidariedade que pode ser traduzido por [...] *um conjunto de princípios, ou fontes de critérios percebidos como um saber decisivo para garantir o futuro da humanidade* (TRISTÃO, 2005, p. 254).

Contrário a esse repertório, o paradigma cognitivo instrumental vivido em algumas experiências da Educação Ambiental tem imperado nas relações e no modo de conhecer dos indivíduos e de se relacionar com a natureza, ávidos pelo controle dos modos de operar a vida humana e não humana. A dimensão do repertório da solidariedade é a possibilidade de expansão de lógicas em redes compartilhadas, embora igualmente em torno do termo Sustentabilidade *gravitem discursos em disputa*, conforme indicam Sampaio e Guimarães (2012).

Morin alerta para a falsa racionalidade, que tratou como primitivas, infantis e pré-lógicas as populações em que havia uma complexidade de pensamento não apenas na técnica e no conhecimento da natureza, mas também nos mitos (MORIN, 2005, p.

118). A perspectiva da complexidade perturba os domínios da racionalidade dura e nos permite ouvir o mar, as matas, as florestas, os rios e outros elementos vivos e reverenciados pela mítica dos Orixás, que encharcam os corações dos umbandistas e sustentabilizam sua relação com a natureza através da sua prática atualizada na Gira.

Em Tristão (2005, p. 259), a Educação Ambiental estética incorpora o repertório do reencantamento, que a autora denomina de *formas sensíveis da vida cotidiana*. Para a autora, a Educação Ambiental pode ser um [...] *mecanismo de contágio de sentimentos ou de emoção vivido em comum*. Segundo a autora: a Educação Ambiental estética pode nos remeter à heterogeneidade e a tensões entre diferentes formas de sistema de vida, de múltiplas interpretações das práticas locais cotidianas e de valorização das narrativas regionais (TRISTÃO, 2005, p. 260).

O contágio pelas emoções sensíveis que incorpora a vida e os modos de vida das orixalidades umbandistas foi acionado nas Giras. Habitamos o som de outros verbos, acompanhada pelo som do atabaque. Percebe-se que a maioria dos Terreiros está situada às margens da cidade. Esse processo de afastamento do urbano aconteceu com as práticas religiosas de matriz africana, que foram sendo expulsas dos centros urbanos para os morros, concomitante ao processo de industrialização e urbanização que se expandia nas cidades, como ocorreu com a natureza. O deslocamento dessas práticas em consequência do *progresso* indica a tensão de forças que se instalavam nessa relação.

Aberta para o movimento minúsculo das Giras, que historicamente foram sendo expulsas em função do *progresso* que se instalava nas cidades, a aproximação dos saberes dos umbandistas, silenciados em nossa cultura embranquecida e católica, e muitas vezes desqualificados, permitiu que lançássemos mão de uma ecologia menor (GODOY, 2008), minúscula não em tamanho, mas em relação, pois a ecologia menor faz composição com a vida vivida, a vida do acontecimento, que promove a baixa intensidade das noções dicotômicas, por exemplo.

O vínculo íntimo que tecem ancestralmente com os elementos da natureza, como a água, com as ervas da Jurema e com os incensos de benjoim e alecrim, com as festas no mar em homenagem a Iemanjá, com os rios e com as cachoeiras de Oxum integradas às matas de Oxóssi e dos caboclos, é imprescindível para os Povos de Santo. Aiyê para eles não é coisificada, muito menos mantêm com ela uma relação predatória de exploração. Ao contrário, esse vínculo na relação com a Terra é sagrado, comprometido, compartilhado e sentido não somente como parte da vida dos umbandistas, mas, principalmente, porque a Terra é a Umbanda viva e vivida em plenitude. Aiyê, para os

umbandistas, é o ancestral mais próximo, atualizado em cada Gira vivida e manifestado nas orixalidades do código corporal dos médiuns.

Esse código inscrito no corpo percorreu mares históricos com a vinda compulsória e violenta dos povos da África para o Brasil. Um cenário de dor e opressão invade o pensamento e o coração, quando percebemos o sofrimento das pessoas que, violenta e covardemente, foram submetidas a viver apartadas da sua vontade e do seu mundo. Covardemente, ainda na atualidade, práticas de violência são produzidas e afetam a vida dos Povos de Terreiros. Contudo, há que se buscar pistas nos limites da herança moderna para tomar partido da ocasião (tempo *kairós*) e usar das oportunidades e das circunstâncias cotidianas vividas pelos umbandistas na escola e na vida coletiva, através das narrativas, como enfrentamento do silêncio para resistir. Há que se fazer da força da narrativa uma transgressão política!

Na lógica umbandista, os cânticos fazem uso de mecanismo de resistência pela inclusão de elementos que afetam nossa existência, por exemplo, pelos seus Orixás, considerados forças personificadas, regentes da inteligência e do universo. Os Orixás são [...] *arquetipos da mitologia em total dependência da ecologia às suas existências* (BELEM; SATO, 2011, p. 341).

Para um umbandista, a força que faz um rio correr é chamada de Oxum, e a força que faz uma árvore nascer é chamada de Ossaim. Assim, na lógica umbandista, cada um de nós é filho de alguma força ou de algum Orixá. Verificamos, então, que para diferentes cosmovisões há distintas compreensões de ser e estar no mundo e com o mundo, portanto, na fabricação deste mundo.

As orixalidades em narrativas presentes na lógica dos Povos de Terreiros permitiu discutir com os professores estratégias de narrar experiências da Educação Ambiental em espaços não formais, como os espaços dos Terreiros da Umbanda, e também os espaços formais, como os da escola. Buscamos, então, compreender como novas lógicas potencializam práticas de resistência e de rebeldia para o campo da pesquisa em Educação Ambiental.

Considerações finais

Ao som dos tambores e atabaques foi possível nos tirar da surdez cotidiana, urdida de resistência ao preconceito e da violenta discriminação sofrida pelos afrodescendentes, pelas mulheres, pelas crianças, pelos mais velhos, pelos jovens, pelos mais pobres, pelas existências infames dos Terreiros do Povo de Santo, por não conferir

legitimidade às lógicas de uma única história contada pela racionalidade dominante de uma história oficial.

Quando traçamos a vida com os fios da ética, configuramos outra paisagem. A experiência mística precede a elaboração discursiva. Quem contou e como foram contadas as histórias da terra, das estrelas, do universo antes da ciência? Indagam Sato e Passos (2009). Que histórias nos fizeram e nos fazem acreditar? Para um umbandista, o leme da vida está ancorado no cajado da memória.

A orixalidade de Ogum inspira-nos na luta pela inclusão de outras lógicas que não a lógica dominante do modelo mercadológico comprometido com setores fundamentalistas, que historicamente insistem na exclusão de direitos e de experiências contrárias à sua lógica, como, por exemplo, impedindo alguém de se assumir umbandista no seu ambiente de trabalho; negando à mulher negra o atendimento em saúde em tempo igual ao de uma mulher branca; discriminando violentamente um candomblecista no seu direito de uso das guias, turbantes ou roupa branca às sextas-feiras; proibindo os cânticos dos atabaques na escola por serem considerados de macumba do mal; tolerando que os Terreiros sejam apedrejados ou incendiados nos dias de Gira.

As diferentes lógicas que transversalizam as experiências dos umbandistas, seus diferentes logos e cosmovisões se distinguem da lógica dominante. Marcas históricas como a segregação, a discriminação, o colonialismo e a violência transversalizam o cotidiano dos Povos de Santo e da sociedade em geral, mas, igualmente, riscam marcas que crescem e transversalizam outras lógicas, que diferem das lógicas dos modelos padronizados de ser, pensar, falar, agir, viver e habitar.

Essas marcas colocam em movimento e deslocam novos modos de pensamento pelos processos efêmeros que se instalam e/ou pelas estratégias marginais, quando inventam para si a possibilidade de significar a própria existência nas relações com seus mitos, confirmando, então, que as existências infames ou as antologias da existência, quando são visibilizadas no choque com o poder e nas infames políticas de (des)subjetivação, ganham força.

Referências

BELEM, I.; SATO, M. Viagem entre os mundos. In: SATO, M. (Org). **Eco-Ar-Te para o reencantamento do mundo**. São Carlos: RiMa, 2012. p. 337-350.

BENISTE, J. **As águas de Oxalá: Àwon omi Òsàlà**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **Órun Áyé: o encontro de dois mundos** - o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a terra. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013b.

CASTOR, Katia Gonçalves. **Gira mundos: a educação ambiental no mito e o mito na educação ambiental**. Tese defendida em Dezembro de 2014. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2014.

CARVALHO, I. C. M.; GRUN, M.; TRAJBER, R. **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009. (Coleção Educação para Todos).

CUMINO, A. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Ed. 34, 1995. 5 v.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros (1982-1983)**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Estratégia, poder-saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. (Ditos & Escritos, v. 4).

GODOY, A. **A menor das ecologias**. São Paulo: Ed. USP, 2008.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

GUIMARÃES, M. **Caminhos da educação ambiental: da forma à ação**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MORIN, E. **O método 4 - as idéias: habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Sulina, 2005

SAMPAIO, S. M. V.; GUIMARÃES, L. B. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogia no contemporâneo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 395-409, 2012.

SATO, M.; PASSOS, L. A. Arte-educação-ambiental. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, n. 14, p. 43-59, 2009.

TRISTÃO, M. Tecendo os fios da educação ambiental. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2005.

_____. A educação ambiental e a emergência de uma cultura sustentável no cenário de globalização. **Interthesis**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 207-222, jan./jul. 2012.

_____. Uma abordagem filosófica da pesquisa em educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 55, p. 847-860, out./dez. 2013.